



ARTIGO ORIGINAL

VIVER SAUDÁVEL: SIGNIFICADO PARA OS MORADORES DE RUA DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA

HEALTHY LIVING: MEANING FOR THE HOMELESS IN SANTA MARIA

VIDA SALUDABLE: EL SIGNIFICADO DE LOS QUE VIVEN EN CALLES DE LA CIUDAD DE SANTA MARIA

Leandra Porto¹
Dirce Stein Backes²
Grassele Denardini Facin Diefenbach³
Regina Gema Santini Costenaro⁴
Rosiane Filipin Rangel⁵
Dirce Beatriz Marquardt Lucio⁶
Elenice Spagnolo Rodrigues Martins⁷

RESUMO: Objetivo: conhecer o significado do viver saudável para os moradores de rua do Município de Santa Maria, RS. **Método:** pesquisa qualitativo-exploratória. **Resultados:** foram entrevistados vinte indivíduos, do sexo masculino, no período de fevereiro a junho de 2009. Os participantes foram selecionados aleatoriamente, tendo-se, como critérios de inclusão, ser morador de rua, com ou sem permanência temporária no albergue. Os dados foram analisados à luz da hermenêutica, visto ser este um referencial que possibilita entender em profundidade o texto, o discurso dos entrevistados, emergindo três categorias. **Considerações finais:** enquanto, para alguns moradores, viver na rua significa “liberdade”, para outros o albergue significa privar-se do consumo de álcool e outras drogas ilícitas, promovendo, dessa forma, um viver saudável.

Descritores: Enfermagem; Processo saúde-doença; Promoção da saúde; Sem-teto; Comunidades vulneráveis.

ABSTRACT: Objective: to search meaning of healthy living for street dweller of Santa Maria, RS. **Method:** qualitative and explorative research. **Results:** twenty male individuals were interviewed, in the period of February to June of 2009. The participators were selected casually, with the one criterion of inclusion being street dweller, with or without temporary permanence in the hostel. Data were analyzed under the light of hermeneutic interpretation, because this referential allows understanding with profoundness the text, the discourse of the participators, when emerge three categories. **Final considerations:** while for some street

¹ Acadêmica do curso de Enfermagem da UNIFRA. Bolsista de Iniciação Científica do GEPESES. E-mail: leandra.sm@gmail.com

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. E-mail: backesdirce@ig.com.br

³ Enfermeira. Mestre em Enfermagem (UFRGS). Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. E-mail: grassele@hotmail.com

⁴ Enfermeira. Doutora em Filosofia de Enfermagem UFSC. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. E-mail: reginacostenaro@hotmail.com

⁵ Enfermeira. Mestre em Enfermagem (FURG). Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. E-mail: rosianerangel@yahoo.com.br

⁶ Enfermeira. Mestre em Educação. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. E-mail: dircelucio@yahoo.com.br

⁷ Enfermeira. Mestre em Nanociências. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. E-mail: elenicemartins@hotmail.com



dweller to live in the street means liberty, for others the hostel means to abstain themselves of alcohol ingestion and of others illicit drugs, promoting so a healthy living.

Descriptors: Nursing; Health-disease process; Health promotion; Homeless persons; Vulnerable groups.

RESUMEN: Objetivo: conocer el significado del vivir saludable para los que viven en las calles del Municipio de Santa María, RS. **Método:** encuesta cualitativa y exploratoria.

Resultados: fueron entrevistados veinte individuos masculinos, en el periodo de febrero a junio de 2009. Los participantes fueron seleccionados aleatoriamente, teniéndose como criterio de inclusión ser morador de la calle, con o sin permanencia en el albergue. Los resultados fueron analizados a la luz de la hermenéutica, ya que este es un referencial que posibilita entender en profundidad el texto, el discurso de los entrevistados, los cuales llevan a tres categorías. **Consideraciones finales:** en cuanto para algunos de los moradores vivir en la calle significa la libertad, para otros quiere decir abstenerse del consumo de alcohol y de otras drogas ilícitas, promoviendo así un vivir saludable.

Descriptor: Enfermería; Proceso salud-enfermedad; Promoción de la Salud; Personas sin hogar, Comunidades vulneráveis.

INTRODUÇÃO

Para compreender a saúde, a partir de uma concepção ampla e multidimensional, é preciso considerar as singularidades e os diferentes cenários que integram o viver saudável dos indivíduos em seu contexto real e concreto.

Historicamente, o modelo de saúde predominante tem privilegiado intervenções curativistas e assistencialistas, com pouca ênfase nas ações e políticas que potencializam o viver saudável de cada ser humano, sujeito e protagonista de sua própria história, especialmente dos indivíduos que vivem à margem da sociedade, expostos às contínuas desordens e contradições do meio.¹

A carência de ações, acerca da subjetividade e singularidade do modelo de saúde vigente, contribui, efetivamente, para a pouca apreensão dos significados que cada indivíduo ou comunidade atribui ao seu processo de viver, estar vivo, estar com saúde ou estar sem doença, viver saudável, mesmo que em condições desfavorecidas. A capacidade de superar estados ou condições de morbidade, entre outras discussões, precisa ser levada em conta quando se apreende o processo de viver saudável como um fenômeno complexo.

Potencializar o processo de viver saudável significa, sob este enfoque, promover políticas públicas comprometidas com emancipação social, possibilidades de inclusão e participação dos diferentes sujeitos sociais nas discussões que dizem respeito à saúde como um fenômeno complexo e singular. Significa apropriar-se dos significados singulares que envolvem o processo saúde-doença e desenvolver ações de acordo com os interesses e necessidades de cada indivíduo e/ou comunidade.

Ampliar o conceito de saúde, pela potencialização do significado de viver saudável para cada indivíduo, pode representar alimentar-se bem, morar em um ambiente salubre, fazer atividade física, possuir um trabalho digno, entre outros. Tais condições contribuem para a saúde, no entanto, nem sempre são determinantes de um viver saudável.

O conceito de viver saudável envolve uma dinâmica singular e plural. É um processo complexo que envolve tanto determinantes motivacionais internos, quanto determinantes externos. Enquanto, para alguns, viver saudável significa estar em perfeito estado de saúde, para outros significa estar sem doença, e para outros, ainda, significa manter o equilíbrio harmônico entre as contradições da vida. Estas



diferentes concepções instigam a busca por novos saberes e significados do cotidiano dos moradores de rua, suas peculiaridades, condições de vida, bem como o seu processo de viver saudável.

Tendo em vista que o número de moradores de rua cresce visivelmente, no âmbito local e regional, e considerando as dificuldades de acesso às políticas de saúde, o estudo tem, como questão de pesquisa, o significado de viver saudável para os moradores de rua do município de Santa Maria - RS, possibilitando novos olhares pela ampliação do conceito de saúde com vistas à transformação social. E, como objetivo conhecer o significado de viver saudável para os moradores de rua do Município de Santa Maria - RS.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativo-exploratória. Sendo assim, buscaram-se, inicialmente, sujeitos caracterizados como moradores de rua, ou seja, aqueles que habitam temporários ou permanentes, em locais abandonados, terrenos baldios, cemitérios, mocós, carcaças de veículos e logradouros públicos: praças, marquises, calçadas, viadutos. Ainda, é considerado morador de rua o que pernoita em albergues públicos ou entidades sociais², junto a Secretaria do Bem-Estar e Cidadania, do referido município, os quais foram localizados pelas pesquisadoras.

Frente às dificuldades na identificação desses sujeitos, optou-se, na sequência, por buscá-los no albergue municipal, tendo em vista ser esta uma instituição pública assistencial que ampara indivíduos que se encontram desprovidos de abrigo e outros meios de sobrevivência, e que se encontram na rua durante o dia.

Participaram do estudo sete moradores de rua do sexo masculino, com idade entre 22 e 55 anos, dos quais cinco procuram o albergue eventualmente e os demais buscam apenas para atender as necessidades de higiene. A seleção dos entrevistados ocorreu de forma aleatória, tendo como critério de inclusão, ser morador de rua. E como critérios de exclusão, ter idade inferior a dezoito anos e/ou adultos em situação de rua que estivessem confusos. Após terem sido informados acerca dos objetivos, finalidades e metodologia, concordaram em participar do estudo, sendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Os dados foram coletados por meio da técnica de entrevista com questões norteadoras, sobre o que significa viver saudável na ótica dos moradores de rua. Essa técnica foi adotada com vistas a permitir que os moradores de rua expressassem espontaneamente suas condições de viver saudável e principalmente pelo fato de considerá-los não como meros informantes, mas como sujeitos da análise.

As entrevistas foram realizadas pelos pesquisadores no Albergue Municipal em horário previamente combinado, no período de fevereiro a junho de 2009. As mesmas foram gravadas e, a seguir, transcritas, em forma de texto, a fim de utilizá-las para análise e interpretação.

Os discursos dos moradores foram analisados à luz da hermenêutica, visto ser este um referencial que possibilita compreender em profundidade o texto, como resultado do processo social e do processo de conhecimento, ambos frutos de múltiplas interpretações, mas com significado específico.³

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram observados os aspectos éticos, conforme Resolução Nº. 196/96⁴, que define as diretrizes e normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos. O protocolo do projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, sob o Nº 028/2009. Visando assegurar o anonimato, os participantes foram identificados com a letra "M", que corresponde à palavra morador seguida de um algarismo (M1, M2, M3,....).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão das necessidades e aspirações humanas é regida pelo estudo da contínua auto-organização humana, visto que cada indivíduo constrói e reconstrói a sua vida e o processo saúde-doença, a partir das possibilidades que o próprio meio lhe oferece. Nessa perspectiva, resultaram da análise dos discursos as seguintes categorias: o viver saudável associado à liberdade da rua; viver saudável: a instituição albergue como amparo; viver saudável: possibilidades e desafios para a enfermagem.

Os resultados evidenciaram, por meio de uma análise significativa do singular e multidimensional, um paradoxo entre o ser e estar na rua e o ser e estar em uma instituição regida por regras e normas - o albergue. Enquanto para alguns moradores viver na rua significa "liberdade", para outros, permanecer um dia ou uma noite no albergue, significa privar-se momentaneamente do consumo de álcool e outras drogas ilícitas e, dessa forma, promover o viver saudável.

Assim, ampliar as discussões acerca do viver saudável, sob esse enfoque, significa contemplar as múltiplas interações e associações que motivam e sustentam a auto-organização e a sobrevivência do dia-a-dia, de cada indivíduo como ser social e multidimensional.

O viver saudável está baseado em diferentes noções, as quais variam de acordo com a faixa etária, grupos sociais, condições de vida, valores existenciais, dentre outros elementos aparentes ou inaparentes que integram o processo saúde-doença. Para os moradores de rua, que habitam ambientes insalubres, desprovidos de condições adequadas, tais como: água, energia elétrica, saneamento básico, alimentação, dentre outros, haveria, então, a possibilidade de um viver saudável? Na tentativa de ampliar os debates acerca do questionamento, analisaremos e discutiremos as categorias a seguir.

O viver saudável associado à liberdade da rua

Ser-estar morador de rua converge em diversos significados para a sociedade, esta, dotada de normas, regras, cultura e preconceitos. Muitas pessoas buscam sua própria identidade, ser alguém único perante a sociedade, porém para os moradores de rua ser e/ou estar na rua é a sua identidade.

Evidenciou-se, que estes se encontram num contínuo processo de organização e reorganização de suas identidades, possibilitado pelas relações e interações do ser e estar nas ruas da cidade. No discurso a seguir, um dos moradores se identifica e assume a sua identidade como morador de rua, ao refletir a sua condição:

Sou, sou morador de rua. Eu sou morador de rua [...] Eu vim de Porto Alegre e agora não tenho trabalho [...] sou morador de rua. (M1)

Percebe-se, no discurso acima, que os "moradores de rua" não são e não devem ser caracterizados como indivíduos sem nome, sem identidade, ou sem endereço social. Ser morador de rua significa, a priori, ser gente e ter uma identidade social reconhecida, por isso, merecedores de respeito, dignidade e estima.

Os indivíduos, famílias ou grupos que vivem na e da rua estão, frequentemente, predispostos à violência, à discriminação, à precariedade, à dificuldade de acesso à saúde, além de serem incompreendidos e rejeitados pela sociedade. Porém, mesmo sabendo dos paradoxos e contradições, muitos elegem a rua como espaço para estar e passar o seu dia-a-dia.

Estudo recente mostra que, 69,9% dos moradores de rua costumam dormir na rua, enquanto que 22,1% costumam dormir em albergues ou outras instituições. Entre aqueles que manifestaram preferência por dormir na rua, 44,3% apontaram a falta de liberdade



como o principal motivo da não preferência por dormir no albergue. O segundo principal motivo foi o horário (27,1%) e o terceiro a proibição do uso de álcool e drogas (21,4%), ambos igualmente relacionados com a falta de liberdade.⁵ Este aspecto ficou bastante visível no relato de um dos moradores que se considera “livre”, em outras palavras, saudável, pelo fato de passar os seus dias na rua.

[...] vivendo na rua eu me sinto livre, me sinto em paz, em paz [...] quando eu estava lá naquele lugar [Instituição assistencial], eu não vivia em paz, eu tinha inimigos que me incomodavam o tempo todo, nunca estava em paz porque sempre tinha alguém brigando comigo. Na rua eu tenho amigos, olho o movimento, todos me querem bem, me dou bem [...] às vezes não tenho comida, mas as pessoas me ajudam. (M1)

O paradoxo da “liberdade” traz consigo uma série de indagações que merecem ser debatidas ao se pensar e falar em políticas públicas voltadas para a promoção e proteção da saúde. Ao mesmo tempo, precisam ser questionadas as instituições tradicionais de assistência que, na sua maioria, encontram-se sucateadas e regidas por normas e rotinas rígidas, desprovidas de estratégias interativas capazes de promover o bem-estar e o viver saudável. Por outro lado, precisam ser questionadas, também, as estruturas escolares e familiares, assim como os diferentes espaços sociais que, pela sua natureza, deveriam ser promotoras de vida e saúde, mas que, em muitos casos, acabam se tornando “insignificantes” pelas relações de poder de uns sobre os outros.

Nessa direção, “as ruas”, além de espaço de convivência, tornam-se, também, em espaço de promoção do viver saudável. Elas apresentam a diversidade de interações, a criação de vínculos “saudáveis” pelo desenvolvimento de relações horizontais de entreatajuda e o desenvolvimento da solidariedade, entre outros, como fica evidente nos discursos a seguir:

Na rua eu tenho muitos amigos [...] a gente conversa muito, a gente tem paz. Eu não gosto de ter inimigos, de pessoas que me incomodam o tempo todo, não gosto de me sentir pressionado. (M1)
Eu gosto da rua por causa do movimento[...] (M3)

[...] tudo são cheio do dinheiro [referindo-se à família], mas eu gosto de viver na rua. Claro, lá é muita mordomia e eu sou simples, sou pobre. (M5)

Percebe-se, com este último discurso, mais uma vantagem das ruas para alguns moradores, cita-se a criação de um lar, e com isso o viver saudável. Ressalta-se que morar na rua é uma opção, cruel para alguns, mas para outros acalentadora, onde não existem preconceitos, e ninguém é mais ou menos que o outro. Na rua todos são e estão em situações semelhantes, são pessoas que se encontram e formam vínculos, fazendo com que o núcleo familiar tradicional (citam-se pai, mãe, irmãos) seja substituído por outros moradores de rua.

A convivência nas ruas torna-se, para estes e outros indivíduos, mais acolhedora e atrativa que o cotidiano em uma instituição assistencial – albergue –, mesmo que em alguns casos o viver saudável seja facilitado pelas instituições normativas. As ruas, do ponto de vista dos moradores de rua, ampliam as relações, interações e associações pela diversidade e dinamicidade dos movimentos, mesmo que contraditórios.⁶

A rua pode ser um espaço que favorece a origem de laços afetivos inovadores, compondo, assim, uma “família de rua”, na qual as funções de cada um são definidas sem a rigidez e a crítica de uma família tradicional; esse contexto aproxima as relações pela

igualdade social, faixa etária, necessidades de sobrevivência, e pelas contradições, pois, persistem os conflitos de idéias, intrigas, e luta de espaços; no entanto, estas discussões não necessariamente abalam a individualidade de cada um, nem afetam sua singularidade.

Desse modo, o viver saudável para alguns está associado à liberdade da rua, na qual o constante movimento do ir e vir, mesmo que difícil, estimula a dinamicidade e vitalidade pela sobrevivência diária.

Viver saudável: a instituição albergue como amparo

Embora para algumas pessoas morar na rua seja uma opção e sinônimo de liberdade, para outros o viver saudável associa-se a normas e regras, como as encontradas nos albergues. As instituições sociais passam a ser estratégias fundamentais no que se refere às práticas de promoção da saúde.⁷

A pesquisa evidenciou que viver saudável, para alguns moradores de rua, está associado às normas e regras institucionais, nas quais são condicionados a não beber, não fumar e utilizar drogas, ou seja, são “coagidos” a seguir as regras da casa. Nesse caso, o albergue se constitui num espaço que auxilia na promoção do viver saudável, pela determinação de regras que confrontam e reorganizam o cotidiano da rua, como seguem os discursos a seguir:

Olha viver saudável é o cara não poder beber, não usar droga, nada, aí é uma vida saudável. Se usar já não é uma vida saudável, aí se ia durá 20 anos, já não dura [...] no albergue não pode nada. (M4)

Mas aqui tem bastante [referindo-se ao uso de álcool], claro na rua, aqui dentro não pode, aqui dentro não, só na rua, mas pra quem dorme na rua aqui é melhor. (M5)

Assim, claro aqui no albergue a gente se recupera de tá na rua. Aí eu não tô me drogando, aí eu vivo nas regras do albergue; tem horário para entrar, tem horário para sair, a gente só se alimenta ali, ali não pode se drogar, não pode beber, não pode fumar. Então, isso aí ajuda bastante para recuperação da rua porque a pessoa tá ali na rua já vai beber, já vai nem pensa em comer, ali não, ali eles cuidam da alimentação da pessoa. (M7)

Com base nos exposições anteriores, percebe-se uma estreita associação entre o estar na rua e o uso das drogas ilícitas. Nessa perspectiva, o viver saudável está relacionado a “não utilização de drogas ilícitas”, comportamento este, que pode ser estimulado pelo albergue e/ou outras instituições assistenciais que limitam a utilização da drogadição e do álcool enquanto determinantes para entrada e permanência dos usuários nestes locais.⁷

O albergue, nessa direção, representa um espaço de construção e desconstrução, ou seja, de ordem e desordem com a finalidade de alcançar uma nova organização existencial - deixar as drogas.⁸ Representa a conquista de uma nova identidade social para alguns dos moradores de rua que, no cotidiano das ruas, não conseguiam controlar o instinto impulsivo e abusivo do uso de entorpecentes.

É possível argumentar, em suma, que o indivíduo cria expectativas e se assume por meio de uma identidade social, mesmo que nas ruas da cidade ou em albergues. Assim, o significado do viver saudável pode ser associado à integração e nova organização dos eventos contraditórios que o próprio cotidiano impõe, mesmo que a (re)organização seja continuar morando na rua ou, por vezes, ficando no albergue.

Viver saudável: Possibilidades e desafios para a enfermagem

A enfermagem é uma profissão de origem milenar que, cada vez mais, forma profissionais comprometidos com o viver saudável do indivíduo, ressaltando sua individualidade, inserido numa coletividade, na busca constante de (re)construir-se, como um ser único, tendo como identidade suas possibilidades, limitações e opções.

O processo de viver saudável está associado ao modo de viver das pessoas bem como suas interações e adaptações com o meio ambiente. Assim, a construção do conhecimento acerca do viver saudável precisa, necessariamente, considerar as múltiplas dimensões que envolvem o processo saúde-doença e a promoção da saúde dos indivíduos. Sendo assim, é necessário estabelecer inter-relações e interligações disciplinares, a fim de estimular uma consciência crítica capaz de enfrentar as complexidades e a integralidade do processo de viver saudável.⁹

Contudo, o racionalismo científico movido pela lógica cartesiana, ainda predominante no contexto da saúde, induz a pensar que viver em condições de precariedade e vulnerabilidade é viver numa condição de doença. Desconsideram-se, nessa perspectiva, os significados que os próprios atores sociais, mesmo em condições desfavoráveis, atribuem ao seu cotidiano e, principalmente, ao seu viver saudável no cotidiano de sua realidade.¹⁰

Ao considerar um morador de rua como um ser rejeitado, rejeitado pela família e pela sociedade, faz com que estejamos inseridos no senso comum de pensar, o qual deve ser substituído por um novo olhar, à medida que a enfermagem tem no cuidado a sua forma de profissionalização. Sendo assim, torna-se necessário compreender o morador de rua como um ser único, dotado de expectativas, percepções, anseios, medos, entre tantos outros sentimentos, e que encontra nas ruas e albergues a lenitiva forma de viver saudável.

É preciso, no entanto, que o enfermeiro busque compreender o indivíduo como um ser singular e multidimensional, isto é, um ser de múltiplas interações, relações e associações, capaz de continuamente organizar-se e reorganizar-se com base nos significados que atribui às suas experiências diárias.¹¹

Profissionais de enfermagem/saúde devem ser considerados mediadores do processo de gestão do viver saudável, pelo diálogo entre o cuidado formal e informal, pela potencialização das capacidades e possibilidades dos atores envolvidos no processo, pelo fornecimento de informações adequadas e seguras e, principalmente, pela negociação contínua de estratégias de cuidado, capazes de ampliar a rede de interações com os diferentes atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que existe um paradoxo entre a “liberdade” do ser e estar na rua e as “normas e regras” preconizadas pelo albergue. Enquanto para alguns moradores a rua representa liberdade e paz, ter amigos, não ter horários, regras e rotinas, para outros o albergue representa um espaço “facilitador/impulsionador” do processo de viver saudável, pelo fato deste ter, como normativa institucional, a não utilização do álcool e/ou outras drogas ilícitas.

Entender o significado do viver saudável, sob esse enfoque, faz referência à compreensão do indivíduo em sua singularidade e subjetividade, isto é, a partir do seu contexto real e concreto. Logo, o viver saudável não se reduz à ausência de doenças e nem mesmo aos condicionantes sociais hegemônicos, mas na capacidade do indivíduo mover-se e emancipar-se como sujeito e protagonista da sua história, independente dos espaços e condições sociais.

As noções de viver saudável encontradas permitiram avançar nas discussões acerca da temática no sentido de impulsionar os profissionais da enfermagem/saúde a atuarem de forma pró-ativa no campo das investigações e, principalmente, no delineamento de políticas de intervenção para a melhoria da qualidade de vida, a partir dos significados que



os próprios indivíduos e comunidades atribuem ao processo saúde-doença. Evidenciam que é preciso crescentemente investir no sentido de potencializar a saúde em vez da doença, pela valorização das singularidades e especificidades que cada indivíduo atribui ao seu modo de ser-estar e viver no mundo real e concreto.

É premente, em suma, que pesquisadores, profissionais e gestores valorizem cada indivíduo, em sua singularidade, como autor e protagonista da sua história. Como alguém exposto a toda ordem de conflitos, incertezas, instabilidades e caos, mas capaz de continuamente organizar e reorganizar a sua vida para um viver saudável, a partir das múltiplas interações, relações e associações pessoais, familiares e sociais.

REFERÊNCIAS

1. Backes DS. Vislumbrando o cuidado de enfermagem como prática social empreendedora Santa Catarina; 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.
2. Brêtas ACP, Rosa AS, Cavicchioli MGS. Cuidado de enfermagem ao adulto em situação de rua. In.: Brêtas ACP, Gamba, MA. (organizadores.). Enfermagem e saúde do adulto. São Paulo: Manole; 2006. p.145-53.
3. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18ª ed. Petrópolis: Vozes; 2001.
4. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Brasília.
5. BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Sumário executivo: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Brasília; 2008.
6. Ayres JR. Norma e formação: horizontes filosóficos para as práticas de avaliação no contexto da promoção da saúde. Ciênc saúde coletiva. 2004;9(3):807-13.
7. Rosa AS, Secco MG, Brêtas ACP. O cuidado em situação de rua: revendo o significado do processo saúde-doença. Rev bras enferm. 2006;59(3):331-6.
8. Morin E. A cabeça bem feita: reformar a reforma reforça o pensamento. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2006.
9. Meirelles BHS, Erdmann AL. A interdisciplinaridade como construção do conhecimento em saúde e enfermagem. Texto & contexto enferm. 2005;14(3):411-8.
10. Erdmann AL, Backes MTS, Backes DS, Koerich MS, Baggio MA, Carvalho JN, et al. Gerenciando uma experiência investigativa na promoção do "viver saudável" em um projeto de inclusão social. Texto & contexto enferm. 2009;18(2):369-77.
11. Backes DS, Backes MS, Koerich MS, Baggio MA, Carvalho JN, Meirelles BS, et al. Significado de viver saudável para jovens que integram um projeto de inclusão social. Rev eletrônica enferm. 2009;11(4).

Data de recebimento: 02/12/2011

Data de aceite: 11/01/2012

Contato com autor responsável: Leandra Porto

Endereço postal: Duque de Caxias, 938, Centro, Santa Maria, RS.

CEP: 97100-200

E-mail: leandra.sm@gmail.com